

Associações entre afetividade dos cuidadores e o desenvolvimento infantil de crianças em situação de acolhimento

Associations between affection of caregivers and child development of children in foster reception situation

Lucas Lopes da Costa

Universidade do Estado do Pará, E-mail: lopesdacostalucas@gmail.com

Adharsia Melissa Dias Marinho

Universidade do Estado do Pará, E-mail: adhmelissa@hotmail.com

Lúcia Cristina Cavalcante da Silva

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, E-mail: lucia.cavalcante@unifesspa.edu.br

Katiane da Costa Cunha

Universidade do Estado do Pará, E-mail: katiane.cunha@uepa.br

Ivete Furtado Ribeiro Caldas

Universidade do Estado do Pará, E-mail: ivbeiro@yahoo.com.br

Resumo: O Desenvolvimento Infantil (DI) inicia-se na concepção e envolve diversos aspectos como o crescimento físico e a maturação neurológica, comportamental, social e afetiva. O apego entre cuidadores e crianças pode ser um forte influenciador no DI. O cuidador social é o maior promotor e intermediador entre a criança e os estímulos presentes no ambiente institucionalizado. O objetivo do estudo foi avaliar a associação entre a afetividade dos cuidadores e o desenvolvimento infantil de crianças em situação de acolhimento no município de Marabá (PA). Trata-se de um estudo transversal com amostra por conveniência. Participaram 12 díades (cuidadores-crianças). Foram utilizados o questionário sociodemográfico, o teste de triagem de desenvolvimento de denver II (DENVER II) e a escala bonding. Cada sessão teve duração de 40 minutos. Para análise estatística, adotou-se o *Statistic Package for Social Sciences* (SPSS) versão 22.0. Nossos resultados mostram que o nível de afetividade dos cuidadores foi, em sua maioria, negativa. As áreas pessoal-social e linguagem apresentaram maior porcentagem de atraso entre as crianças. E aquelas crianças que interagiram no primeiro contato com outras crianças e/ou cuidadores apresentaram desfecho normal no desenvolvimento. Portanto, o nível de afetividade dos cuidadores possui associações com o desenvolvimento de crianças em situação de abrigo.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Criança acolhida. Vínculos emocionais.

Abstract: Child Development (CD) initiates development and involves several aspects such as physical growth and neurological, behavioral, social and emotional maturation of the child. The attachment between caregivers and children can be a factor of great influence in CD. The social caregiver, in this case, is the greatest promoter and intermediary between the child and the stimuli present in the institutionalized environment. In this sense, the objective was to assess associations between caregivers' affectivity and children's child development in shelter situations in the municipality of Marabá (PA). This is a cross-sectional study with a convenience sample. Twelve dyads (caregivers-children) participated. The sociodemographic questionnaire, the development screening test (DENVER II) and the bonding scale were used. Each session lasted 40 minutes. For statistical analysis, the *Statistic Package for Social Sciences* (SPSS) version 22.0 was adopted. Our results show that the caregivers' level of affection was mostly negative. The personal-social and language areas showed a higher percentage of delay among children. And those children who interacted in the first contact with other children and/or caregivers had a normal developmental outcome. Therefore, the caregivers' level of affection has associations with the development of children in shelter situations.

Key words: Child development. Child, foster. Object attachment.

Recebido em: 11/05/2020

Aprovado em: 04/06/2020



INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é caracterizado pela capacidade contínua do indivíduo em se adaptar ao ambiente em que está inserido. Pode ser definido como um processo único, contínuo, dinâmico e progressivo. É marcado por alterações físicas, cognitivas, comportamentais, neurológicas e sociais, que se expressam de forma gradual à medida que o indivíduo atinge a competência de corresponder às suas necessidades e as do ambiente. O desenvolvimento infantil contempla quatro grandes áreas: motor amplo, motor fino-adaptativo, pessoal-social e a linguagem, sendo todas influenciadas por caracteres intrínsecos e extrínsecos (COSTA et al., 2015).

Uma das teorias que busca explicar as bases do desenvolvimento infantil é a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, sendo composta por quatro elementos: processo-pessoa-contexto-tempo. O processo representa a relação entre o indivíduo e o contexto no qual está inserido. A pessoa considerada com suas características cognitivas, biológicas e comportamentais. E o contexto definido pelos ambientes aos quais a criança está exposta (SOUZA; VERÍSSIMO, 2015).

Diversos fatores podem influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimento infantil, podendo trazer grandes repercussões a curto, médio e longo prazo na vida da criança. Entre os fatores têm-se a baixa renda familiar, a ausência do pai e o baixo peso ao nascer (ARAUJO et al., 2017). Além disso, um ambiente onde a criança é exposta a estímulos negativos, como espancamentos, agressões verbais e poucas atividades lúdicas também podem ser determinantes para alterações no desenvolvimento (BOO et al., 2018).

Nesse contexto, a interação social é fonte de socialização primária e forte influenciadora do processo do desenvolvimento, tendo em vista que a criança se espelha nos adultos (especialmente pais ou cuidadores) para criar sua autoimagem e sua percepção do mundo exterior (GABATZ et al., 2018). Todavia, nem todo ambiente familiar é saudável e adequado para as crianças. Estudo realizado na cidade de Fortaleza (CE) com crianças entre zero e seis anos mostrou que a dependência química dos pais, abandono, moradores de rua, genitores com transtorno mental, pobreza e violência doméstica estão entre as principais causas para desintegração do núcleo familiar (CHAVES et al., 2013).

Dessa forma, para essas crianças que possuem seus direitos previstos no Estatuto da Criança (ECA) violados, torna-se necessária a

institucionalização. A criança é então transferida de seu núcleo familiar para uma instituição de proteção, conhecida também como acolhimento institucional. Neste local, as crianças ficam sob os cuidados dos funcionários da instituição, também denominados “cuidadores sociais”, que assumem o papel antes delegado aos pais, com responsabilidades que variam desde os cuidados básicos como higiene, alimentação, sono até atividades lúdicas como brincadeiras e jogos educativos (HEUMANN; CAVALCANTE, 2018).

O acolhimento de crianças, apesar de ser uma medida protetiva instituída pelo ECA, torna-se um fator preocupante por romper as relações com as quais já estão adaptadas, podendo interferir negativamente nas emoções da criança e ocasionar problemas em seu desenvolvimento, tanto físicos (perda de peso, insônia) como emocionais (depressão, ansiedade). Esse processo de adaptação pode ser difícil e desgastante (GABATZ et al., 2018). Pesquisadores observaram que há uma baixa ocorrência de tentativas e trocas afetivas entre a díade criança-cuidador (KAPPLER; MENDES, 2019)

Para que esse novo ambiente seja o mais acolhedor possível, é essencial a formação de vínculo entre o cuidador social e a criança. Entretanto, é comum que surjam dificuldades na criação de vínculos sólidos e/ou apego com as crianças, visto que, por vezes, a quantidade de crianças excede a capacidade do cuidador ou há escassez de atividades que estimulem a interação social, como excesso demandas e/ou falta de preparo para o exercício de sua função (LE MOS et al., 2017). Devido ao seu caráter provisório e à busca do fortalecimento familiar para o retorno da criança ao seu lar prévio, os ambientes de acolhimentos acabam por dispor de pouco arsenal técnico e/ou pessoal em mecanismos estimuladores do desenvolvimento das crianças a médio e longo prazo (MEDEIROS; MARTINS, 2018).

Portanto, o apego entre cuidadores e crianças pode ser um forte influenciador no desenvolvimento infantil, uma vez que é necessidade inerente do ser humano possuir vínculo emocional e social com outrem (GABATZ et al., 2018). O cuidador social é o maior promotor e intermediador entre a criança em situação de acolhimento e os estímulos presentes no ambiente institucionalizado. Nesse sentido, objetiva-se avaliar a associação entre a afetividade dos cuidadores e o desenvolvimento infantil de crianças em situação de acolhimento no município de Marabá (PA).

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal com amostra por conveniência. Participaram 12 díades (cuidadores-crianças), sendo 12 crianças em situação de abrigamento e 5 cuidadores sociais. O cuidador social é o funcionário do abrigo que desempenha o papel originalmente designado pelos pais, incluindo alimentação e higiene, e podendo ser responsável por mais de uma criança, como ocorreu em nossa pesquisa. O estudo foi realizado no município de Marabá, no sudeste paraense, nas dependências da única instituição de acolhimento infantil do município, denominada Espaço de Acolhimento Provisório (EAP).

Foram incluídas crianças, com faixa-etária entre 0 e 6 anos de ambos os sexos, regularmente matriculadas no EAP, e seus respectivos cuidadores do sexo feminino e maiores de 18 anos. Foram excluídas crianças com distúrbios congênitos/genéticos, neurológicos, endócrinos, visuais e auditivos, e cuidadores afastados de suas funções no período de coleta dos dados. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer: 2.150.425).

Para coleta de dados, utilizaram-se os seguintes instrumentos:

Questionário sociodemográfico: Utilizado para coletar informações a partir dos prontuários das crianças. Composto por 19 perguntas objetivas que envolvem o perfil epidemiológico da criança (idade, sexo), pré-natal e puerpério (doenças maternas durante a gestação, uso de substâncias químicas pela mãe durante a gestação, tipo de parto, complicações durante o parto ou puerperais), causa do abrigamento e situação familiar.

Teste de Triagem do Desenvolvimento de Denver II (Denver II): Representa um teste de triagem, e não um teste diagnóstico. Tem como objetivo avaliar o desenvolvimento das crianças do nascimento aos 6 anos, é composta por 125 itens distribuídos nas seguintes categorias: pessoal-social, motor fino-adaptativo, linguagem e motor grosso. Em cada uma das habilidades avaliadas foram consideradas três possibilidades de pontuações dos itens que são: passa (P), falha (F), recusa (R) ou sem oportunidade (SO). Ao final de cada avaliação, as crianças foram classificadas conforme seu desempenho: normal, cautela ou atraso (PINTO et al., 2015). Após essa interpretação o desfecho foi classificado em normal, questionável ou atraso para facilitar a análise dos dados.

Escala Bonding: Inicialmente utilizada para expressar o grau de afetividade de mães para com seus recém-nascidos, foi utilizada para inferir a

afetividade dos cuidadores em relação às crianças acolhidas. Essa escala é uma versão traduzida do *Mother-Baby Bonding Questionnaire* (FIGUEIREDO et al., 2005) e é constituída por 12 atributos de autopercepção do cuidador em relação a criança, individualmente. Essas características emocionais foram organizadas em 3 escalas: Bonding positivo (composta por afetuoso, protetor e alegre), bonding negativo (composta por zangado, agressivo, triste, ressentido, desgostoso e desiludido) e bonding não-claro (composta por receoso, possessivo e neutro ou sem sentimentos). As opções foram respondidas através da escala Likert, uma escala psicométrica, e a cada item atribuiu-se um número que refletiu a opinião sobre cada afirmação: Muito (4), bastante (3), um pouco (2), nada (1). O resultado total foi obtido pela diferença entre bonding negativo (valor máximo de 24) e bonding não-claro (12) do total atingido pelo bonding positivo (12). Considerou-se, portanto, pontuação total abaixo de 6 como afetividade negativa e acima ou igual a sete como positiva.

Inicialmente foram selecionados os prontuários/processos das crianças abrigadas e seus respectivos cuidadores, respeitando os critérios de inclusão e exclusão, em seguida, foi estabelecido o cronograma. As avaliações ocorreram em uma sala reservada nas dependências do abrigo que possuía 42 m² e era bastante arejada e confortável. A sala possuía uma mesa e três cadeiras para acomodar os envolvidos na coleta, além de uma balança mecânica, fita-métrica, piso infantil em forma de quebra-cabeças e brinquedos que foram selecionados dependendo da idade da criança.

No primeiro contato com o cuidador da respectiva criança avaliada foram esclarecidos os objetivos e as características gerais da pesquisa. Caso o convite de participação fosse aceito, era solicitado a assinatura do TCLE. No caso das crianças, a diretora do EAP assinava o TCLE, pois é a representante legal, conforme a Portaria (302/2018-GP). Cada sessão teve duração total de quarenta (40) minutos e ocorreu no turno matutino e/ou vespertino, sempre respeitando o horário das refeições, higiene e atividades escolares da criança e o turno de trabalho dos cuidadores. Nos primeiros dez (10) minutos iniciais foram coletadas as informações no questionário socioeconômico. Nos vinte (20) minutos seguintes foi realizada a avaliação do desenvolvimento da criança através do Teste de Triagem de Desenvolvimento Denver II (Denver II). E nos últimos dez (10) minutos foi solicitado aos cuidadores que preenchessem a Escala Bonding. Realizou-se o projeto-piloto com três aplicações

de cada instrumento, o que permitiu reproduzir as condições do estudo e o treinamento da equipe de pesquisa.

O programa *Statistic Package for Social Sciences* (SPSS) versão 25.0 foi usado para todos os testes estatísticos. O teste G foi usado para análise individual das variáveis demográficas, condições de abrigamento, características emocionais, Escala Denver II e Escala Bonding, bem como os cruzamentos entre si. Para todas as análises considerou-se p valor $< 0,05$.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossos resultados mostram que em relação às características sociodemográficas das crianças do Espaço de Acolhimento Provisório (EAP), 6 (50.0%) eram menores de três meses de idade, 6 (50.0%) do sexo feminino, 9 (75.0%) pardas e a maioria 10 (83.3%) procedente de Marabá. Dentre os motivos de acolhimento, 9 (75.0%) estavam em situação de vulnerabilidade, 8 (66.7%) encaminhadas do conselho tutelar, 9 (75.0%) estavam em até 15 dias em situação de acolhimento e 4 (33.3%) mães haviam feito uso de substâncias psicoativas durante a vida e/ou durante a gestação.

Um estudo mostrou que na Região Norte a faixa-etária com maior proporção de crianças em situação de acolhimento é entre zero e três anos de idade, diferentemente de todas as outras regiões brasileiras, que possuem maior incidência a partir dos dez anos, além da prevalência do sexo masculino (MORÉ; SPERANCETTA, 2010), diferente dos nossos achados em que metade das crianças eram menores de três meses e do sexo feminino. Já em relação aos motivos que levam as crianças a uma condição de acolhimento não há somente uma causa definida, pelo contrário, a necessidade de acolhimento é multicausal e depende de muitos fatores atrelados entre si. Por serem, em sua grande maioria, de condições socioeconômicas mais baixas, o abandono ou a negligência muitas vezes está atrelado ao uso de drogas por parte dos pais (FERREIRA, 2014). Esse fato corrobora os resultados dessa pesquisa, visto que a principal causa de acolhimento foi a vulnerabilidade das crianças a situações de perigo, como o abandono e uso de drogas por parte dos pais.

Ao contrário do observado na literatura, quando o tempo de acolhimento, por vezes, perfazem anos, em nosso estudo o tempo de

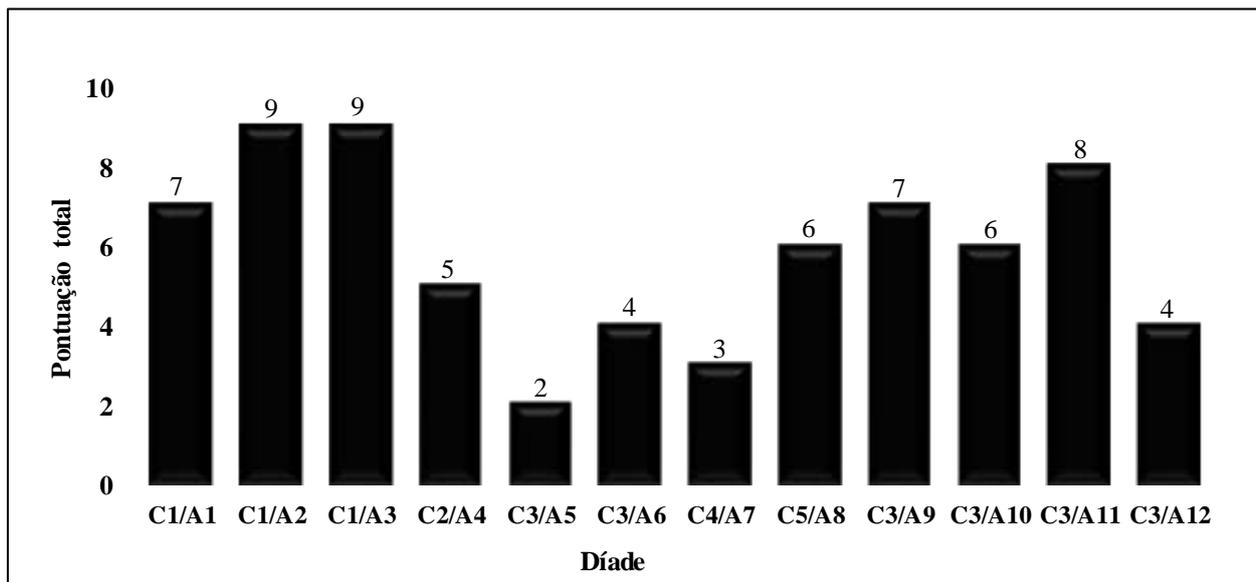
permanência da maioria das crianças não ultrapassou 15 (quinze) dias, isso reforça que o caráter provisório defendido por lei é atendido pela EAP do município de Marabá. A longa permanência das crianças nos abrigos pode significar atitude passiva do conselho tutelar local ou ausência de preparo ou interesse para que as crianças retornem a sua família de origem ou sejam direcionadas para um novo lar (EPIFÂNIO; GONÇALVES, 2017).

Outros resultados mostram que em relação às características de chegada das crianças à instituição de acolhimento, 7 (58.3%) chegaram tranquilas, 3 (25.0%) com saúde fragilizada, 3 (25.0%) não alimentadas e apenas 4 (33.33%) interagiram com outras crianças do abrigo. Quanto aos dados antropométricos de cada criança e a avaliação dos parâmetros recomendáveis pela caderneta da criança (BRASIL, 2018), 4 (33.3%) apresentavam peso abaixo do esperado e/ou muito abaixo do esperado, 6 (50.0%) com estatura muito abaixo para a idade e 4 (33.3%) com IMC elevado.

Diferente dos nossos achados, um estudo apontou que apenas 27,3% das crianças apresentaram estatura abaixo do esperado e a maioria (61,4%) estava na faixa de normalidade nutricional (CHAVES et al., 2013). Hipotetiza-se que fatores genéticos ou fatores externos anteriores a data do acolhimento, como a exposição a um ambiente familiar estressante, alimentação e outros cuidados essenciais precários, maus-tratos físicos e emocionais, falta de auxílio e acompanhamento médico e recursos financeiros escassos possam ter contribuído para esse desfecho com as crianças do nosso estudo.

Já em relação ao grau de afetividade dos cuidadores sociais verificou-se que o cuidador 1 (C1) atingiu pontuação total máxima (9 pontos) nas crianças acolhidas 2 e 3 (A2 e A3) e o cuidador 3 (C3) obteve apenas 2 pontos na criança 5 (A5). Todavia, observou-se que a maioria (7) dos cuidadores apresentaram resultados negativos na escala bonding, mostrando baixa afetividade entre o cuidador e a criança durante sua permanência no EAP (Figura 1). Alguns dos motivos que podem dificultar a criação e fortalecimento do vínculo cuidador-criança consiste no afastamento do cuidador nos horários de lazer, momento onde a interação entre os pares seria fundamental para fortalecer as trocas afetivas (KAPPLER; MENDES, 2019).

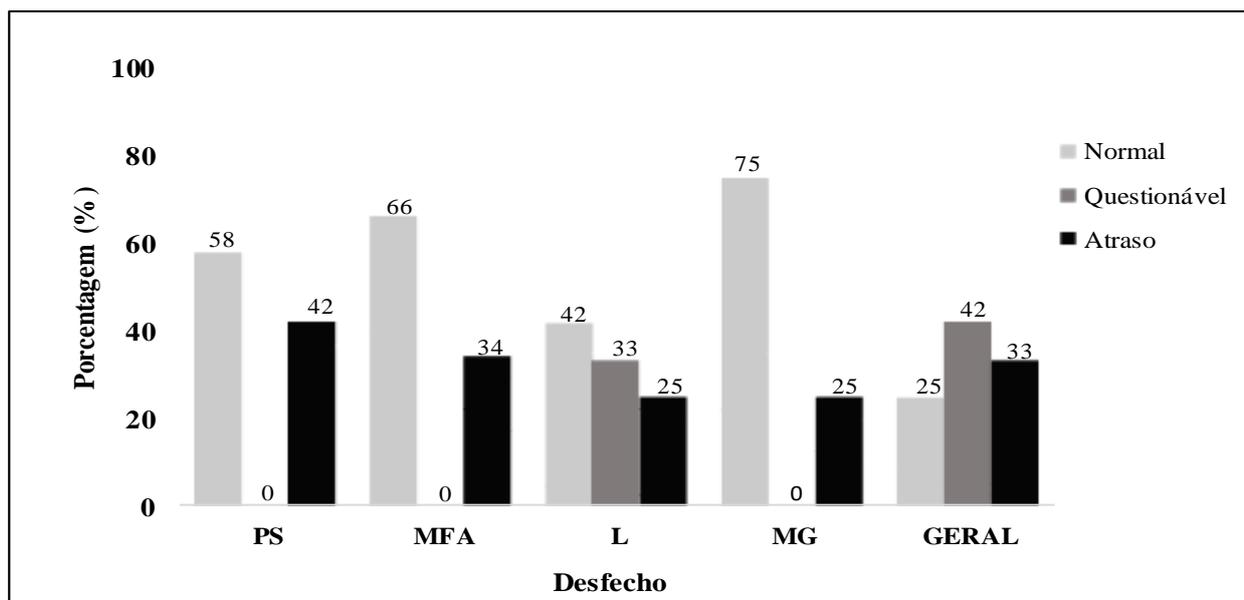
Figura 1: Pontuação total da Escala Bonding quanto ao grau de afetividade dos cuidadores (C) em relação às crianças acolhidas (A).



Quanto ao desfecho do desenvolvimento das crianças segundo o Denver II a área com maior percentual de atraso foi a pessoal-social com 42%, seguida pela área motora fina adaptativa, com 34%. Notou-se também que a área da linguagem foi a que apresentou maior

percentagem de desfecho alterados, com 33% questionável e 25% atraso, totalizando 58% das crianças que merecem atenção diferenciada nessa categoria (Figura 2).

Figura 2: Desfecho das crianças quanto do Teste de triagem do desenvolvimento Denver II (Denver II) para cada categoria do desenvolvimento.



Legenda: PS (Pessoal-Social); L (Linguagem); MFA (Motor Fino Adaptativo); MG (Motor Grosseiro); N (Normal), Q (Questionável) e A (Atraso).

O percentual de atraso encontrado na área pessoal-social podem ser explicado pela dificuldade de estabelecer vínculos sólidos entre cuidador-criança e criança-criança. Apesar de o acolhimento visar a proteção e o bem-estar da criança, é uma medida que gera rompimento dos

laços afetivos com a família de origem e a escassez de vínculos na instituição pode acarretar diversas consequências negativas no desenvolvimento socioafetivo (DINIZ et al., 2018). Além do mais, pesquisadores internacionais encontraram alterações

neurocognitivas importantes, como memória e capacidade intelectual, em crianças em situação de abrigo, principalmente aquelas que sofreram maus-tratos (DEAMBROSIO et al., 2018). No mais, Goulart e Chiari (2014) mostram que crianças com alterações na linguagem tendem a apresentar pior desempenho ao executar tarefas de memória. Dessa forma, as alterações em destaque na área da linguagem em nosso estudo podem ser explicadas pela maior necessidade de interação social entre cuidador-criança e criança,

sendo essencial para o adequado desenvolvimento desta área.

Quanto às características da situação de abrigo em relação ao sexo das crianças verificou-se relação significativa apenas entre a variável cuidador responsável. O cuidador 3 (C3) possuía seis crianças aos seus cuidados (3 do sexo masculino e 3 do feminino), enquanto que o cuidador 1, apenas três (do masculino ($G = 8.31$, $p = 0.03$)). Entre as demais variáveis não houve significância (Tabela 1).

Tabela 01: Características da situação de abrigo em relação ao sexo das crianças (n=12).

Características do abrigo	Sexo		Total	Teste G ^a	p valor
	Mas	Fem			
Motivo					
Abandono	0	2	2		
Vulnerabilidade	5	4	9	4,27	0.11
Crimes	1	0	1		
Tempo					
≤ 15 dias	5	4	9		
16-30 dias	1	1	2	1,49	0.47
76-90 dias	0	1	1		
Pais vivos					
Ambos	3	2	5		
Mãe	1	1	2	0,40	0.81
Não Informado	2	3	5		
Pais autorização visitas					
Sim	4	1	5		
Não Informado	2	5	7	1,40	0.23
Cuidador responsável					
C1	3	0	3		
C2	0	1	1		
C3	3	3	6	8,31	0.03*
Outros	0	2	2		
Estuda fora					
Sim	2	1	3		
Não	4	5	9	0,50	1.00
Mãe usa substâncias psicoativas					
Sim	3	1	4		
Não Informado	3	5	8	0,37	0.53
Forma de encaminhamento					
Conselho Tutelar	4	4	8		
Ministério Público	1	0	1		
Juizado	0	1	1	2,77	0.42
Não Informado	1	1	2		

^aTeste G; * $p < 0.05$.

Legenda: Mas (Masculino); Fem (Feminino).

O número restrito de cuidadores sociais nos abrigos e a alta rotatividade deles podem ser algumas das causas que justifiquem a menor interação cuidador-criança, dificultando a estimulação e resposta das crianças no contexto do acolhimento (GABATZ et al., 2019). Apesar

dos nossos resultados não mostrarem significância em relação ao uso de substâncias psicoativas pelos pais, o uso de drogas é um fator de risco que favorece a vitimização de crianças em seu contexto familiar, um potencial para ocorrência de violência contra as crianças (MARTINS;

NASCIMENTO, 2017). Conjuntamente a isso, o “poder” do aumento de autoestima, exaltação e anestesia dá apressado pela continuidade à substância psicoativa, que restringe ainda mais as condições financeiras dos provedores, determinando um processo de institucionalização e dificultando o retorno da criança ao convívio familiar (BOTH; BENETTI, 2017).

Por fim, em relação as condições de chegada das crianças no abrigo e a escala DENVER II pode-se verificar que aquelas crianças (3) que tiveram qualquer tipo de

interação na chegada com outras crianças e/ou cuidadores sociais apresentaram desfecho normal no desenvolvimento, enquanto que aquelas (2) que não apresentaram qualquer interesse em interagir, apresentaram desenvolvimento questionável ($G = 13,04$, $p = 0.01$). Entre as demais variáveis não houve significância (Tabela 02). E quanto ao grau de afetividade dos cuidadores sociais e o desfecho do desenvolvimento infantil das crianças não houve efeito significativo ($G = 1,25$, $p = 0.53$).

Tabela 2: Cruzamento entre as condições de chegada das crianças no abrigo e a escala DENVER II (n=12).

Condições de chegada	DENVER II			Total	Teste G ^a	p valor
	Normal	Questionável	Atraso			
Estado emocional						
Triste	0	1	0	1	5,21	0.26
Tranquila	3	2	2	7		
NI	0	2	2	4		
Condições higiene						
Suja	0	2	0	2	9,9	0.12
Asseada	3	1	2	6		
Descalça	0	0	1	1		
NI	0	2	1	3		
Condições saúde						
Bom	3	3	1	7	7,98	0.09
Frágil	0	0	2	2		
NI	0	2	1	3		
Chegou alimentado						
Sim	2	1	1	4	4,22	0.37
Não	1	1	1	3		
NI	0	3	2	5		
Chegou apenas com roupa do corpo						
Sim	1	2	1	4	3,68	0.45
Não	2	1	1	4		
NI	0	2	2	4		
Portava documentos						
Sim	0	2	0	2	4,76	0.31
Não	2	1	2	5		
NI	1	2	2	5		
Portava pertences pessoais						
Sim	1	1	1	3	3,17	0.52
Não	2	2	1	5		
NI	0	2	2	4		
Houve interação na chegada						
Sim	3	0	1	4	13,04	0.01**
Não	0	2	0	2		
NI	0	3	3	6		

^aTeste G; * $p < 0.05$. ** $p < 0.01$

Legenda: NI (Não informado)

As trocas afetivas entre crianças e seus pares e entre elas e os cuidadores são fundamentais para

o desenvolvimento emocional, e consequentemente para seu desenvolvimento

global. As dificuldades no estabelecimento de apego no contexto de acolhimento, principalmente entre as crianças e os cuidadores, pode ser reajustada a partir da disponibilidade de ambos para o fortalecimento de laços afetivos. Sendo a interação no primeiro contato de extrema importância para a posterior solidificação das relações entre a criança e seus acolhedores (LEMOS et al., 2017). Apesar das crianças passarem por situações emocionalmente desgastantes no processo de acolhimento, elas conseguem apresentar comportamentos relacionados a alegria e bem-estar, como o sorrir (KAPPLER; MENDES, 2019)

O estado emocional e as condições de saúde e asseio da criança no momento da chegada ao EAP também devem ser considerados. A maioria das crianças apresentava estado emocional tranquilo, o que pode contribuir positivamente na adaptação da criança ao novo ambiente por facilitar a interação com seus pares. Apesar de os maus-tratos, negligência e abandono serem as principais causas para a institucionalização, percebe-se que boa parte delas consegue manter-se emocionalmente bem diante de outras pessoas, demonstrando capacidade de resiliência diante de situações desgastantes e desafiadoras (CONZATTI; MOSMANN, 2015).

CONCLUSÕES

O presente estudo mostra que a maioria das crianças do Espaço de Acolhimento Provisório (EAP) eram menores de três meses de idade, de etnia parda e procedentes de Marabá. As crianças eram encaminhadas à instituição, principalmente, através do conselho tutelar do município, por suas situações de vulnerabilidade social e estavam a poucos dias em situação de acolhimento. O grau de afetividade dos cuidadores foi, em sua maioria, negativa, e no momento de acolhimento, as crianças que interagiram com outras crianças e/ou cuidadores apresentaram desfecho normal em seu desenvolvimento. Verificou-se também que houve uma desproporção no número de crianças para os cuidadores, sendo alguns cuidadores responsáveis por várias delas. E apesar da maioria das crianças apresentarem desenvolvimento normal, foi encontrado desfecho de atraso principalmente nas áreas pessoal-social e linguagem.

Assim, é de extrema importância a estimulação da interação entre as crianças acolhidas e os cuidadores sociais, além de orientação e capacitação desses profissionais. Ressalta-se que o Denver II não realiza diagnóstico, além disso, esse é um estudo transversal, o que significa que o desenvolvimento

foi analisado somente no momento da coleta, destacando a necessidade de outras pesquisas que possam realizar estudos de coorte, porém, não ignorando a importância do atual estudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaríamos de agradecer ao Espaço de Acolhimento Provisório, o qual nos acolheu e forneceu a oportunidade de realizar a pesquisa com as crianças. Agradecemos ao Conselho Nacional de Desempenho Tecnológico (CNPq/PIBIC) que forneceu a bolsa de iniciação científica para a realização do projeto.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, L. B.; MÉLO, T.R.; ISRAEL, V. L. Low birth weight, family income and paternal absence as risk factors in neuropsychomotor development. *Journal of Human Growth and Development*, v.27, n.3, p.272-280, 2017. 10.7322/jhgd.124072
- BRASIL. Ministério da Saúde. Caderneta da Criança e do Adolescente. Brasília, 2018.
- BOO, F. L.; MATEUS, M. C.; DURYEA, S. Analysis of socioeconomic gradients in the development of children aged 0–3 years in Fortaleza, Northeastern Brazil. *Revista de Saúde Pública*, v.52, p.1-10, 2018. 10.11606/S1518-8787.2018052000525
- BOTH, L. M.; BENETTI, S. P. C. As representações parentais em crianças institucionalizadas filhos de usuária de crack. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.17, n.1, 2017.
- CHAVES, C. M. P; LIMA, F. E. T; MENDONÇA, L. B. A; CUSTÓDIO, I. L.; MATIAS, E. O. Avaliação do crescimento e desenvolvimento de crianças institucionalizadas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.66, n.5, p.668-74, 2013. 10.1590/S0034-71672013000500005
- COSTA, E. F.; CAVALCANTE, L.I.C.; AGLIO, D. D. D. Perfil do desenvolvimento da linguagem de crianças, segundo o Teste de Triagem de Denver II. *Revista CEFAC*, v.17, n.4, p.1090-1102. 2015. 10.1590/1982-0216201517418514
- CONZATTI, R.; MOSMANN, C. Resiliência em crianças acolhidas: suas percepções sobre as adversidades. *Psicologia em Revista*, v.21, n.2,

p.352-378, 2015. 10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P351

DEAMBROSIO, M.; VAZQUEZ, M. G.; ARAN-FILIPPETTI, V.; ROMAN, F. Efectos del maltrato en la neurocognición. Un estudio en niños maltratados institucionalizados y no institucionalizados. *Revista Latino-Americana de Ciências Sociais, Niñez y Juventud*, v.16, n.1, p.239-253, 2018.

DINIZ, I. A.; ASSIS, M. O.; SOUZA, M. F. S. Crianças institucionalizadas: um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. *Pretextos*, v.3, n.5, 2018.

EPIFÂNIO, T. P.; GONÇALVES, M. V. Crianças como sujeitos de direitos: uma revisão de literatura sobre crianças em situação de acolhimento institucional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v.25, n.2, p.373-386, 2017. 10.4322/0104-4931.ctoAR0736

FERREIRA, F. P. M. Crianças e adolescentes em abrigos: uma regionalização para Minas Gerais. *Serviço Social e Sociedade*, n.117, p.142-168, 2014. 10.1590/S0101-66282014000100009

FIGUEIREDO, B.; MARQUES, A.; COSTA, R.; PACHECO, A.; PAIS, A. Bonding: escala para avaliar o envolvimento emocional dos pais com o bebê. *Psychologica*, v.40, p.133-154, 2005.

GABATZ, R. I. B.; SCHWARTZ, E.; MILBRATH, V. M.; CARVALHO, H. C. W.; LANGE, C.; SOARES, M. C. Formação e rompimento de vínculos entre cuidadores e crianças institucionalizadas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.71, p. 2808-2816, 2018. 10.1590/0034-7167-2017-0844

GABATZ, R. I. B.; SCHWARTZ, E.; MILBRATH, V. M. Vivências do cuidador institucional no acolhimento infantil. *Escola Anna Nery*, v.23, n.2, 2019. 10.1590/2177-9465-EAN-2018-0195

GOULART, B. N. G.; CHIARI, B. M. Distúrbios de fala e dificuldades de aprendizagem no ensino

fundamental. *CEFAC*, v.16, n.3, p.810-816, 2014. 10.1590/1982-0216201424912

HEUMANN, S.; CAVALCANTE, L. Rotinas de crianças e adolescentes em acolhimento institucional: estudo descritivo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.70, n.2, p.22-37, 2018.

KAPPLER, S. R.; MENDES, D. M. L. F. Trocas afetivas de crianças em acolhimento institucional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.39, p.1-13, 2019. 10.1590/1982-3703003184527

LEMONS, S. C. A.; GEHELE, H. H. L.; ANDRADE, J. V. Os vínculos afetivos no contexto de acolhimento institucional: um estudo de campo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.33, p.1-10, 2017. 10.1590/0102.3772e3334

MARTINS, A. G.; NASCIMENTO, A. R. A. Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: uma análise bibliométrica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.69, n.1, 2017.

MEDEIROS, B. C. D.; MARTINS, J. B. O estabelecimento de vínculos entre cuidadores e crianças no contexto das instituições de acolhimento: um estudo teórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.38, n.1, p.74-87, 2018. 10.1590/1982-3703002882017

MORÉ, C. L. O. O.; SPERANCETTA, A. Práticas de pais sociais em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. *Psicologia e Sociedade*, v.22, n.3, p.519-528, 2010. 10.1590/S0102-71822010000300012

PINTO, F. C. D. A.; ISOTANI, S. M.; SABATÉS, A. L.; PERISSINOTO, J. Denver II: comportamentos propostos comparados aos de crianças paulistanas. *Revista CEFAC*, v.17, n.4, p.1262-1269, 2015. 10.1590/1982-0216201517418214

SOUZA, J. M.; VERÍSSIMO, M. L. Ó. R. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v.23, n.6, p.1097-1104, 2015. 10.1590/0104-1169.0462.2654